

WEEKEND

Filipe Carreira da Silva: "Será como o pós-1945. Estamos perante uma situação traumatizante"

Quando a pandemia passar, a sociedade precisará de uma narrativa, de uma história com vilões e heróis, para curar o trauma, diz o sociólogo Filipe Carreira da Silva. A solidariedade europeia será necessária para ultrapassar os danos causados pela covid-19. Se não existir, "temos um problema seríssimo", alerta o investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Além de uma crise económica e social, pode haver uma crise de legitimidade das instituições.



Miguel Baltazar



Filipa Lino flino@negocios.pt | **Miguel Baltazar** - Fotografia
09 de abril de 2020 às 11:00

Quando a pandemia passar, a sociedade precisará de uma narrativa, de uma história com vilões e heróis, para curar o trauma, diz o sociólogo Filipe Carreira da Silva. A solidariedade europeia será necessária para ultrapassar os danos causados pela covid-19. Se não existir, "temos um problema seríssimo", alerta o investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Além de uma crise económica e social, pode haver

uma crise de legitimidade das instituições. Por outro lado, o desacelerar do tempo "também pode tornar as relações mais saudáveis, autênticas e próximas".

O que o preocupa sobre o impacto da pandemia na sociedade portuguesa?

O nosso Serviço Nacional de Saúde e os seus profissionais estão na linha da frente de uma coisa que não estávamos à espera. Por arrasto, toda a sociedade portuguesa também tem de responder. É, obviamente, uma situação de grande ansiedade generalizada. Só se fala da covid-19. O que tudo isto muda na sociedade tem que ver com a forma como lidamos uns com os outros. Esta pandemia é muito diferente de uma guerra ou de um ataque informático, porque tem que ver com os nossos hábitos sociais mais enraizados, como dar um passou-bem ou um beijinho, que são rituais sociais e culturais que fazem parte daquilo que somos como sociedade. De um momento para o outro, por risco de vida, isso é-nos vedado.

Acho interessante, até ver, que a reação generalizada das pessoas seja a de confiar mais nos cientistas do que nos demagogos.

Há toda uma sociedade com um sentimento de incerteza em relação ao tempo que a crise vai durar.

A questão do tempo é absolutamente crucial. Todas as nossas decisões e escolhas sociais têm que ver com o passado, com as nossas memórias e com quem somos, mas também com o que aí vem. Tentamos fazer previsões, temos expectativas de futuro. Existe muito conhecimento sobre isto na psicologia, sociologia, antropologia. O futuro é muito importante e, quando não temos informação sobre o futuro, temos um problema. Torna-se muito difícil agir. Um investidor não investe se não souber o que aí vem. O que esta crise vem trazer é precisamente uma enorme incerteza. Não sabemos se daqui a umas semanas o estado de emergência vai ser levantado, se a economia vai resistir, se vai haver uma vacina daqui a um ano... E o facto de ninguém saber obriga-nos a tomar decisões com muito pouca informação. Acho interessante, até ver, que a reação generalizada das pessoas seja a de confiar mais nos cientistas do que nos demagogos.

Haverá um antes e depois da covid-19?

Absolutamente. Uma criança que nasça agora vai viver num mundo muito diferente daquele em que nós crescemos. Podemos chamar-lhe Geração C – Geração Covid. Essa criança nasce num mundo que sofre uma pandemia em que morrem milhões de pessoas e só terá acesso a esse fenómeno pelas histórias que os pais e os avós lhe vão contar ou através de documentários.

Vai ser tão marcante como uma guerra? Sempre que há uma guerra, há uma mudança também a nível social.

Sim. Será como o pós-1945. Estamos perante uma situação traumatizante.



Que impacto pode ter nas pessoas o distanciamento social?

Os hábitos sociais vão-se alterar. Se pensarmos, foi por causa do vírus da sida que começámos a usar preservativo e isso tornou-se normal. Os hábitos mudam-se e não necessariamente para pior. Temos um caso semelhante com a SARS. Em Hong Kong, a sociedade como um todo alterou-se e o uso de máscaras tornou-se comum. As pessoas começaram a usá-las naturalmente. É muito frequente neste tipo de situações traumáticas que os hábitos se alterem. Não creio que com a covid-19 seja diferente.

Quando diz "vamos mudar", isso significa o quê? Vamos deixar de beijar? De apertar a mão?

Ninguém sabe. Mas, tendo em conta que este vírus é altamente contagioso, vamos repensar tudo isso. Porque o vírus só aparece devido à ação humana e propaga-se rapidamente devido à forma como as nossas sociedades estavam interligadas. Ou seja, somos todos corresponsáveis. Vai ser necessário lidar com esta ideia. Aceitar a corresponsabilidade pelo que está a acontecer vai implicar mudarmos hábitos e formas de pensar. Os hábitos de higiene e de saúde pública vão ter de ser enraizados de uma forma diferente. Essa será provavelmente uma das principais alterações.

Um vírus é um inimigo que não vemos. É mais difícil para uma sociedade lidar com isso do que com uma guerra, em que o inimigo tem rosto?

Sim. Nos primeiros dias houve logo a necessidade de mostrar imagens do vírus. E essas imagens nos telejornais são muito poderosas. Mas há outras imagens, infelizmente, que nos estão a marcar muito. Basta ver em Itália os camiões militares a transportarem os caixões. Essas imagens são muito impactantes, vão ficar na nossa memória para sempre. E,

ao contrário dos indivíduos, as sociedades têm um processo diferente de lidar com o trauma. Quando somos vítimas de um acidente ou de um ato de violência individualmente, temos de processar isso de uma certa maneira, numa linha psicológica e psiquiátrica. Mas as sociedades, quando têm de curar um trauma, fazem-no com narrativas. Estas narrativas têm que ver com o que é que aquilo significou.

Precisamos de encontrar um sentido para tudo isto?

Exatamente. E esse sentido é narrativo. Há uma história que se conta. Normalmente, nessas histórias há um culpado, um vilão e há heróis, porque nós fazemos sentido da vida assim. E esse processo de lidar com o trauma vai ser uma das tarefas desta Geração C. Vão ser eles que vão relembrar e pensar isto de outra maneira.

Muitas pessoas dizem que a pandemia nos vai mudar como sociedade. Concorda?

Na sociedade, na economia, e mesmo naquilo que somos a nível interpessoal, há muito do que os ingleses chamam "path dependence". Ou seja, o peso do passado reproduz-se e é muito difícil mudar as coisas. Na crise de 2008, em termos da estrutura da economia global, não houve grande alteração. Porquê? Porque há instituições, formas de pensar e de fazer que são muito resilientes. São teimosas. Não mudam. Por exemplo, o SNS não vai mudar. As pessoas vão alterar algumas coisas, mas o SNS, em termos institucionais, os hospitais, as carreiras... tudo isso se mantém. Há uma pandemia que produz um choque e essas estruturas vão ter de responder a esse choque. Mas há que ter em conta que grande parte da sociedade é composta por estruturas que não se alteram facilmente.

As empresas foram obrigadas a adaptarem-se rapidamente a esta situação e muitas, para manterem a atividade, tiveram de recorrer ao teletrabalho. Isto abre um caminho novo?

O teletrabalho tem vantagens e desvantagens. Vai alterar alguma coisa, claro. Há empresas que se vão aperceber das vantagens de ter pessoas em teletrabalho, mas eu não diria que vai ser uma mudança do dia para a noite. Vão ser os países mais desenvolvidos, com melhor acesso à internet, que mais vão aproveitar o trabalho remoto. As desigualdades sociais entre países até podem aumentar bastante, porque podemos ter uma parte da humanidade a usar mais o teletrabalho daqui para a frente e uma outra a ficar ainda mais para trás.

A forma como as pessoas estão a acatar as restrições impostas pelas autoridades é um ato de cidadania ou estamos cheios de medo?

O nosso país foi dos poucos em que a sociedade civil, talvez por medo das imagens que estavam a chegar através da comunicação social, agiu mais rapidamente do que as autoridades. Já estávamos em casa há cinco ou seis dias quando o poder político veio dizer: "Ok, há um estado de emergência." Isto é pouco comum. Se olharmos para outras sociedades como Itália, Espanha ou os EUA, foi exatamente o contrário. Na generalidade dos países, os governos têm tido dificuldade em dizer às pessoas "vão para casa".



O que é que explica isso?

Talvez porque recebemos informação do que se estava a passar em Itália e em Espanha e assustámo-nos. Os outros não. É muito difícil especular porque é que os portugueses foram para casa mais cedo do que os outros. Eu vivo em Inglaterra e em Portugal há muitos anos. Em Inglaterra, sempre que há bom tempo, e agora começa a haver, é um hábito quase automático sair para aproveitar os dias de sol, porque há muito poucos. A cultura da rua em Espanha ou Inglaterra é muito mais forte do que a nossa. Faz parte dos hábitos sociais ir beber um copo, sair à noite. Tudo isso são pequenos aspetos que podem ajudar a explicar. Mas haverá outros.

Este é um teste de stress à economia e às famílias. Na China dispararam os divórcios. Corremos o risco de isso acontecer aqui também?

Acontecerá isso, como também haverá um aumento de casos de violência doméstica e de abusos contra crianças. Quando se altera a forma como a sociedade está organizada e as pessoas, em vez de saírem de casa para trabalhar, têm de estar em coabitação durante semanas, isso é um choque. Claro que vai haver consequências negativas. Agora, temos de olhar também para o outro lado. Temos mais tempo para a família e para nós. Isto pode levar a divórcios, mas também pode tornar relações mais saudáveis, autênticas e próximas.

Esta é a primeira vez que somos obrigados a parar. O tempo que nos está a ser dado é uma oportunidade.

As famílias podem sair mais fortalecidas?

Absolutamente. Há a questão de nos ouvirmos uns aos outros. De estarmos, simplesmente. Está-se em família. O tempo desacelerou. Temos mais tempo para nós, para as pessoas à nossa volta e para ler, ouvir música, pensar, trabalhar, para fazer coisas. Esse tempo foi-se tornando cada vez mais escasso nas últimas décadas. Foi um processo gradual, mas muito consistente nos últimos 50 anos. Esta é a primeira vez que somos obrigados a parar. A economia pára, mas cada um de nós também tem de parar. Há tempo para a contemplação, para pensarmos quem somos.

Escreveu, num artigo no Público, que "esta é uma oportunidade para nos reinventarmos, para robustecer a nossa vida interior".

O tempo que nos está a ser dado é uma oportunidade. Há um mundo inteiro de experiências à nossa espera se nos dermos tempo para as vivermos. Esta paragem vai-nos chamar a atenção para o facto de que essa globalização, em que estamos há décadas, tem custos. E o maior custo é a aceleração da vida social. Estamos a ser obrigados a trabalhar em várias coisas ao mesmo tempo e a não darmos atenção ao detalhe e ao importante. Seremos obrigados a parar, para mim, tem essa vantagem de, tal como dizia o cardeal José Tolentino Mendonça num texto que escreveu recentemente no Expresso, dar importância ao que realmente importa.

A UE não vai existir para sempre. É um projeto construído pela boa vontade de países e vai terminar no dia em que essa boa vontade acabar.

Vamos entrar em recessão e as desigualdades sociais vão aumentar. Estamos mais bem preparados para lidar com isso do que estávamos na última crise?

Há uma panóplia de medidas que um governo pode tomar para minorar os efeitos de uma crise e diminuir a desigualdade. Vai depender da forma como o governo responder. E uma parte da resposta passa pela Europa. Ou há solidariedade europeia ou temos um problema seríssimo. Neste momento, os sinais são pouco encorajadores. A atitude do ministro das Finanças holandês no Eurogrupo foi errada [na discussão sobre os "coronabonds", Wopke Hoekstra pediu a Bruxelas uma investigação à razão pela qual Espanha e Itália dizem que não têm capacidade orçamental para enfrentar a crise da covid-19], até por uma simples razão. A União Europeia não vai existir para sempre. É um projeto construído pela boa vontade de países e vai terminar no dia em que essa boa vontade acabar.



A ciência ganhou agora mais preponderância?

Até ver, sim. Para mim, como cientista, isso foi muito reconfortante. Se reparar, o André Ventura desapareceu, o Bolsonaro está com problemas com dois terços do Brasil e mesmo Trump, neste momento, não é claro que seja reeleito. Mas é uma primeira reação. Há muitas coisas que ainda podem acontecer.

Tem-se dedicado a estudar o populismo. A pandemia anulou os discursos populistas?

Anulou, no sentido em que o inimigo não tem face, mas é identificável – é um vírus. Sabemos que para tratar esse vírus precisamos de mudar hábitos e de uma vacina. E tudo isso não é compaginável com a lógica dos bons contra os maus. Neste contexto, o discurso populista não pega. Desapareceu. Mesmo quando Trump passou a usar a ideia do "vírus chinês", foi imediatamente desacreditado. Se a situação nos EUA nos próximos seis meses for aquela que se teme, com centenas de milhares de vítimas, os americanos vão ficar exasperados. Vão estar à frente de um hospital e saber que não têm acesso a um serviço de saúde. Vão saber que os testes deveriam ter sido feitos e não foram. Isto tem custos eleitorais. Mas não estou a fazer um prognóstico. O que estou a dizer aplica-se à generalidade dos países. Já estamos numa crise económica, pode haver uma crise social e pode ainda haver uma crise de legitimidade. Se as populações da Europa perceberem que a UE não está a fazer o que devia, se morrerem pessoas sem necessidade e depois tivermos um desemprego avassalador durante muitos anos por culpa destas instituições, é evidente que a legitimidade de Bruxelas vai ser questionada.